

Ao chegar à Etiópia, os portugueses não esconderam a decepção com a pobreza, para os seus padrões, do país. Não era aquela a corte do poderosíssimo Preste João com que tinham sonhado. [...] E, se os grandes do império podiam vestir-se de veludo, cetim, brocado ou seda, cobrir-se de jóias e de grossos cordões de ouro e prata, e pôr sobre os ombros uma pele ou juba de leão, a maioria das pessoas de qualidade trajavam-se simplesmente.

Alberto da Costa e Silva (2002, p. 613)



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br



Para o embaixador Alberto da Costa e Silva, a antiga arquitetura religiosa abexim atinge o seu esplendor nos santuários de Lalibela. “Os construtores desses templos de Lalibela não levantaram volumes sólidos, como os demais arquitetos; criavam, ao contrário, espaços vazios na massa pétrea, cortando-a, cavando-a e a desbastando.”







Na realidade, a Etiópia era mais poderosa e provavelmente tinha uma economia mais sólida do que o conjunto das cidades da Azânia.

Para os portugueses, contudo, que olhavam o mundo como mercadores, esses empórios do Índico estavam à medida de suas ambições.

[...] Sofala, Angoche, Moçambique, Quíloa, Mafía, Zanzibar, Pemba, Mombaça, Gedi, Melinde, Manda, Lamu, Pate, Faz, Brava, Merca e Mogadíxio e as outras cidades-estados do que os portugueses chamariam Contracosta eram, a um só tempo, os portos mais ocidentais do Índico, limites do mundo islâmico e os empórios da África junto ao mar. Cidades africanas, integravam-se na grande rede comercial do Índico, dominada pelos muçulmanos, e eram servidas regularmente por navios que as ligavam às Comores, a Madagascar, a Socotorá, a Meca, ao Iêmen, a Omã, à Pérsia, à Índia, ao Ceilão, à Indonésia e, indiretamente, à China.

Alberto da Costa e Silva (2002, p. 616)



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br

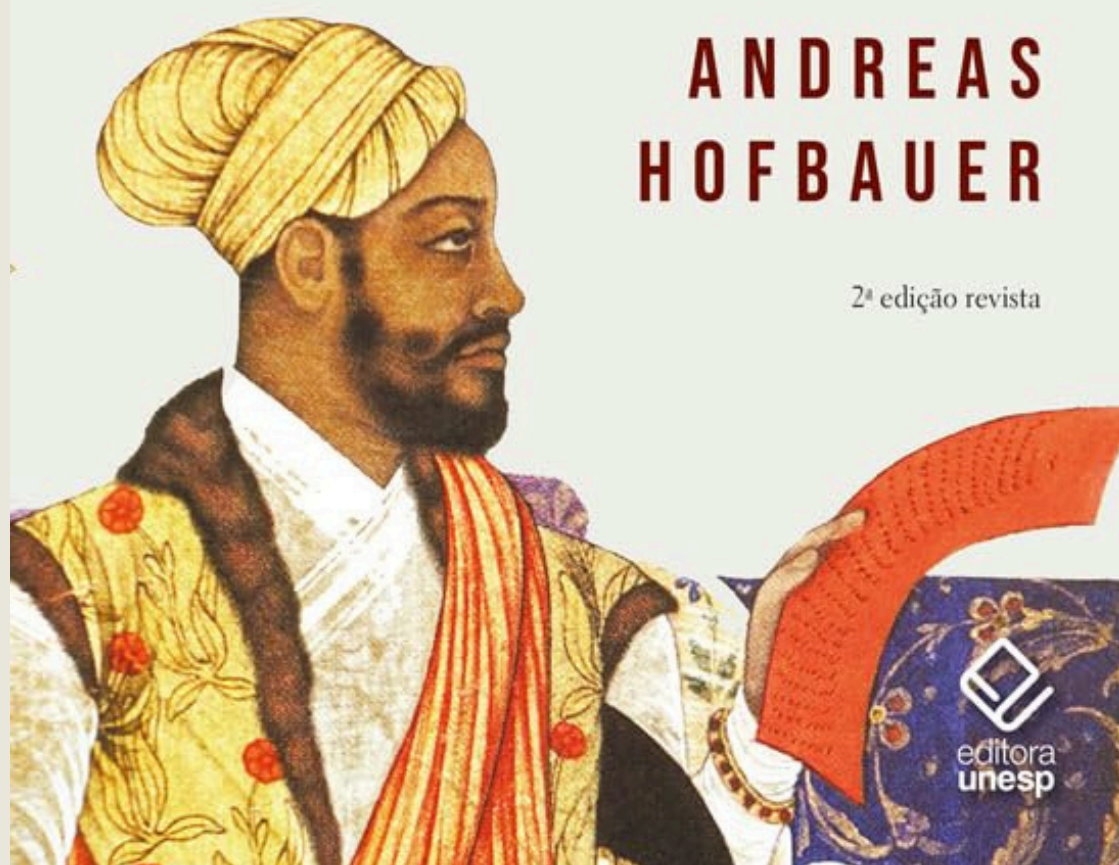


DIÁSPORA AFRICANA NA ÍNDIA

Sobre castas, raças e lutas

ANDREAS
HOFBAUER

2ª edição revista



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br

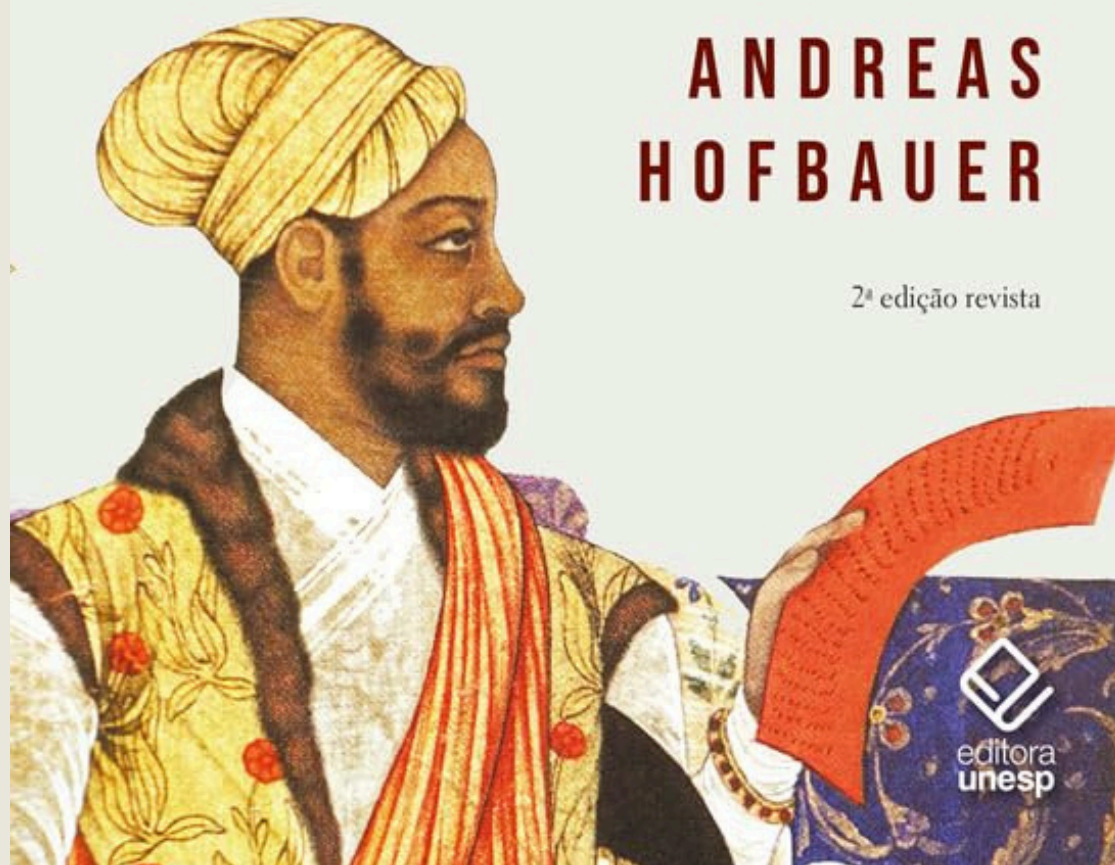


DIÁSPORA AFRICANA NA ÍNDIA

Sobre castas, raças e lutas

ANDREAS
HOFBAUER

2ª edição revista



Para o historiador malgaxe Gwyn Campbell (2008), a propalada "diáspora africana" não serve para a realidade histórica de certos grupos originários das relações afro-asiáticas de séculos remotos. O padrão desenvolvido nas Américas é de um "modelo atlântico" que não serve para a Índia, para onde foram muitos africanos e nem sempre como cativos. Desde o primeiro milênio, os reinos da Costa do Malabar e de outras regiões vizinhas têm escravaria de várias partes (etíopes, persas, malaaios, chineses...).

Andreas Hofbauer (2021, p. 14)
DIÁSPORA AFRICANA NA ÍNDIA.
Sobre castas, raças e lutas



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br

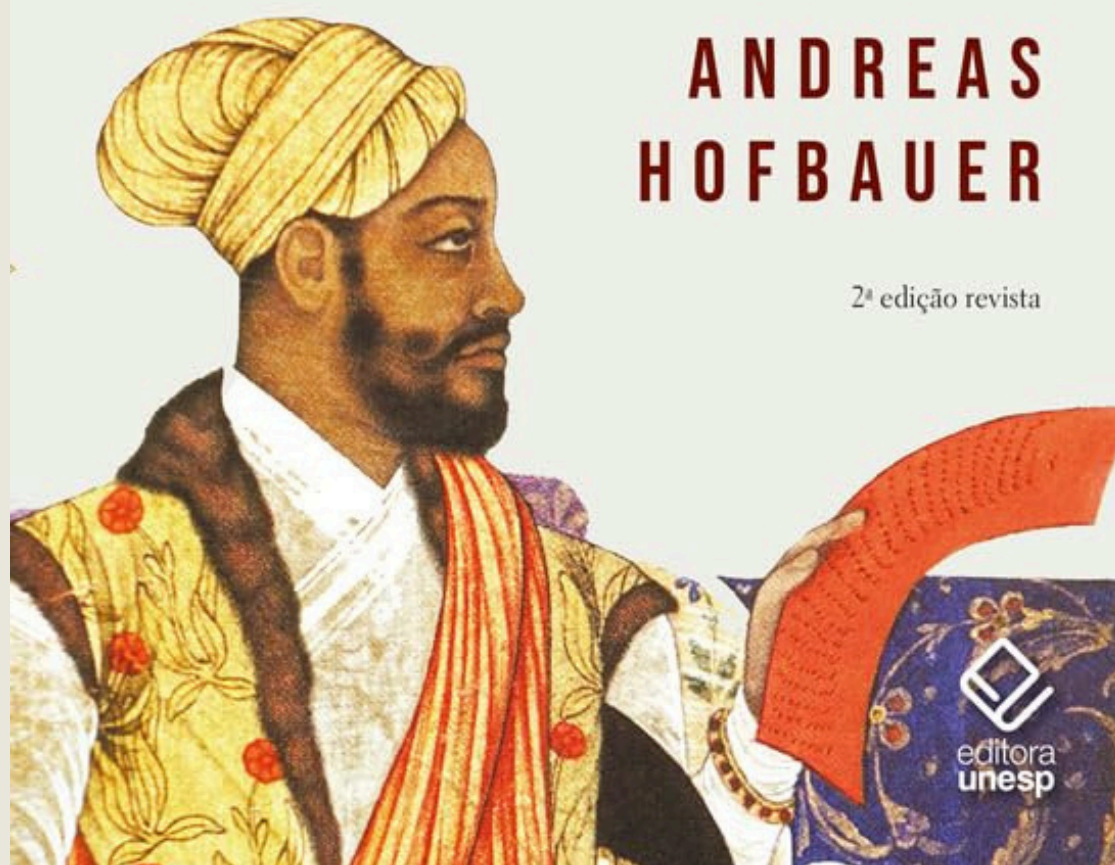


DIÁSPORA AFRICANA NA ÍNDIA

Sobre castas, raças e lutas

ANDREAS
HOFBAUER

2ª edição revista



Se nas Américas houve uma concentração de escravos africanos nas plantations ou nas minas, na Índia a escravaria era mais diversa e se concentrava em meio urbano e setores domésticos.

Para o historiador da Universidade McGill (Montréal), o tráfico de escravos na região do Oceano Índico foi do tipo *color-blind* (cego às diferenças de cor) e a maioria dos descendentes de africanos na Índia não teria uma "consciência diaspórica".

Andreas Hofbauer (2021, p.15)
DIÁSPORA AFRICANA NA ÍNDIA.
Sobre castas, raças e lutas



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br

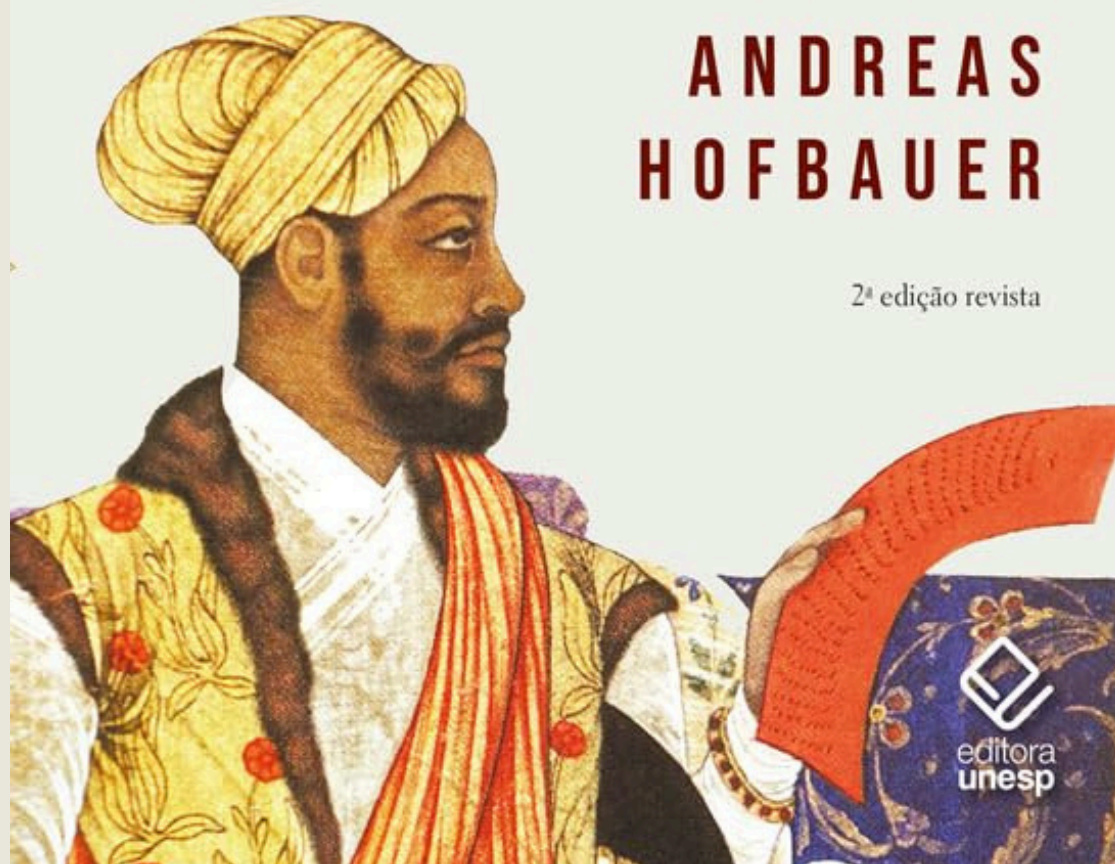


DIÁSPORA AFRICANA NA ÍNDIA

Sobre castas, raças e lutas

ANDREAS
HOFBAUER

2ª edição revista



Para o historiador Gwyn Campbell (2008), não se pode reduzir a identidade dos **sidis** a uma "diáspora global de vitimados africanos" (global African victim diaspora). A identidade "diaspórica" dos **sidis** é mais uma invenção dos Scholars americanos do que uma reivindicação de uma minoria de ascendência africana na Índia atual. Para o historiador canadense, não há uma "experiência negra comum" entre os **sidis** na Índia e outras comunidades afro-americanas ou afro-caribenhas.

Andreas Hofbauer (2021, p. 17)
DIÁSPORA AFRICANA **NA ÍNDIA**.
Sobre castas, raças e lutas



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br

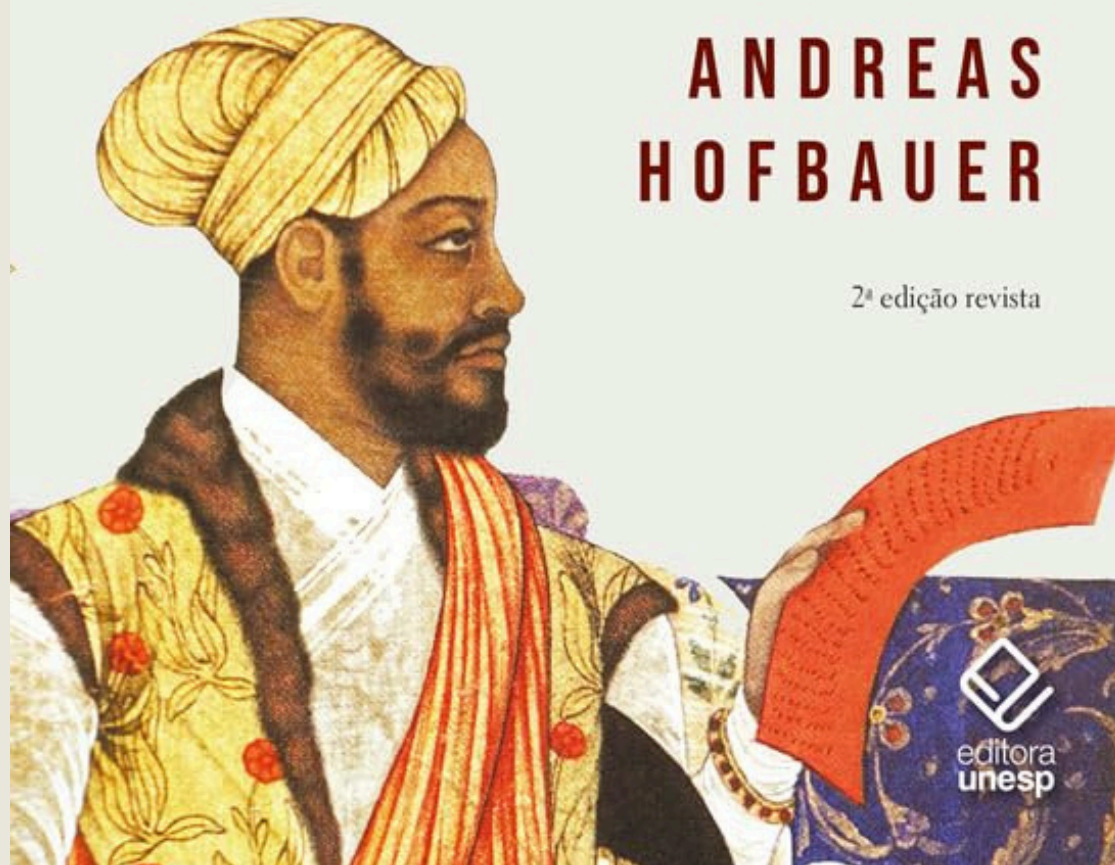


DIÁSPORA AFRICANA NA ÍNDIA

Sobre castas, raças e lutas

ANDREAS
HOFBAUER

2ª edição revista



A partir do século VI, estabeleceu-se um comércio regular, inclusive de escravizados, entre o nordeste do continente africano e o oeste da Península Indiana, que seria controlado por comerciantes árabes até o século XVI. É também importante lembrar que a escravização envolveu frequentemente múltiplos deslocamentos; sobretudo nos primórdios do tráfico de escravos, o cativo passava geralmente por diversos portos do Mar Vermelho e do Golfo Pérsico antes de ser levado à Índia. Sabe-se também que nem todos os africanos que aportaram na Índia chegaram como cativos.

Andreas Hofbauer (2021, p. 28)

DIÁSPORA AFRICANA NA ÍNDIA.

Sobre castas, raças e lutas



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br

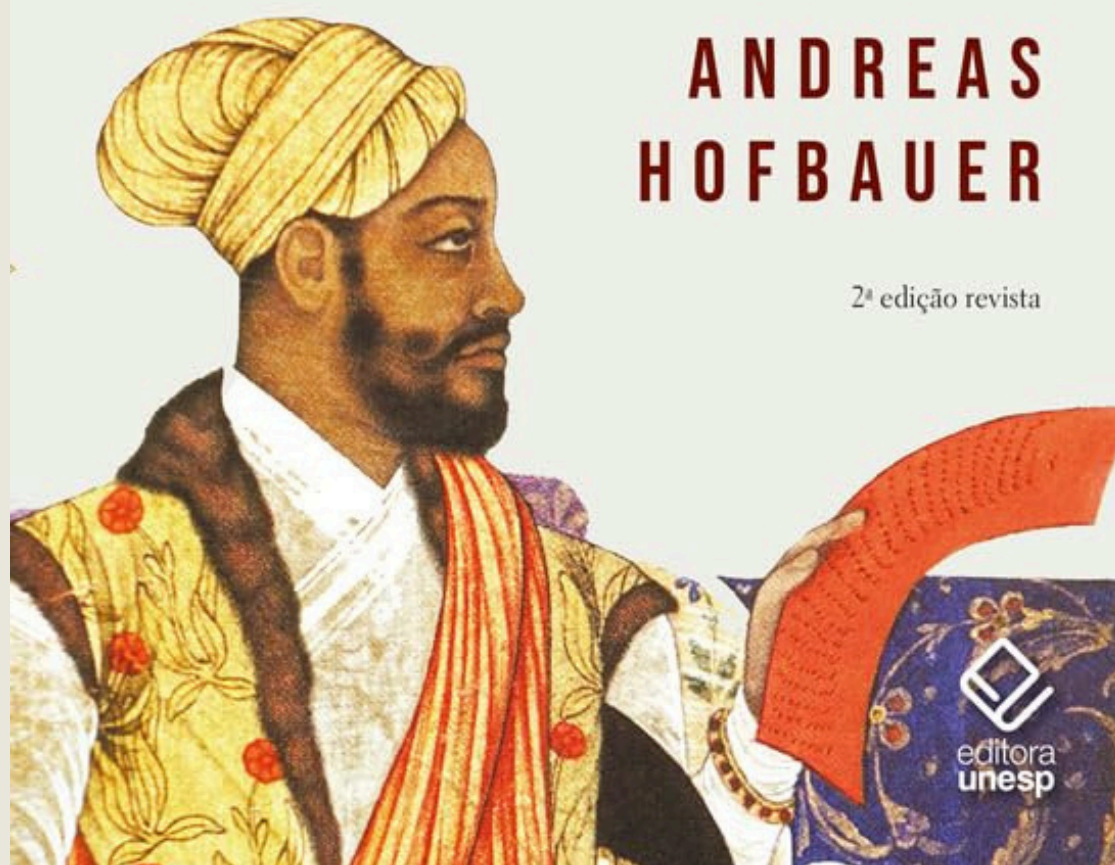


DIÁSPORA AFRICANA NA ÍNDIA

Sobre castas, raças e lutas

ANDREAS
HOFBAUER

2ª edição revista



Os **habshis** eram, majoritariamente, sunitas e sua dispersão na Ásia desde o século XIV tem relação com as disputas entre turcos, afegãos e persas e outros povos asiáticos não-muçulmanos. No então Decão do século XVII, por exemplo, a instabilidade política ensejou uma demanda por mão-de-obra militar (escravos de elite).

Possuir escravos era uma prática comum em todas as sociedades da Antiguidade na região do Mediterrâneo e na Península Arábica, onde o Islã surgiu.

Andreas Hofbauer (2021, p. 37-38)

DIÁSPORA AFRICANA NA ÍNDIA.

Sobre castas, raças e lutas



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br

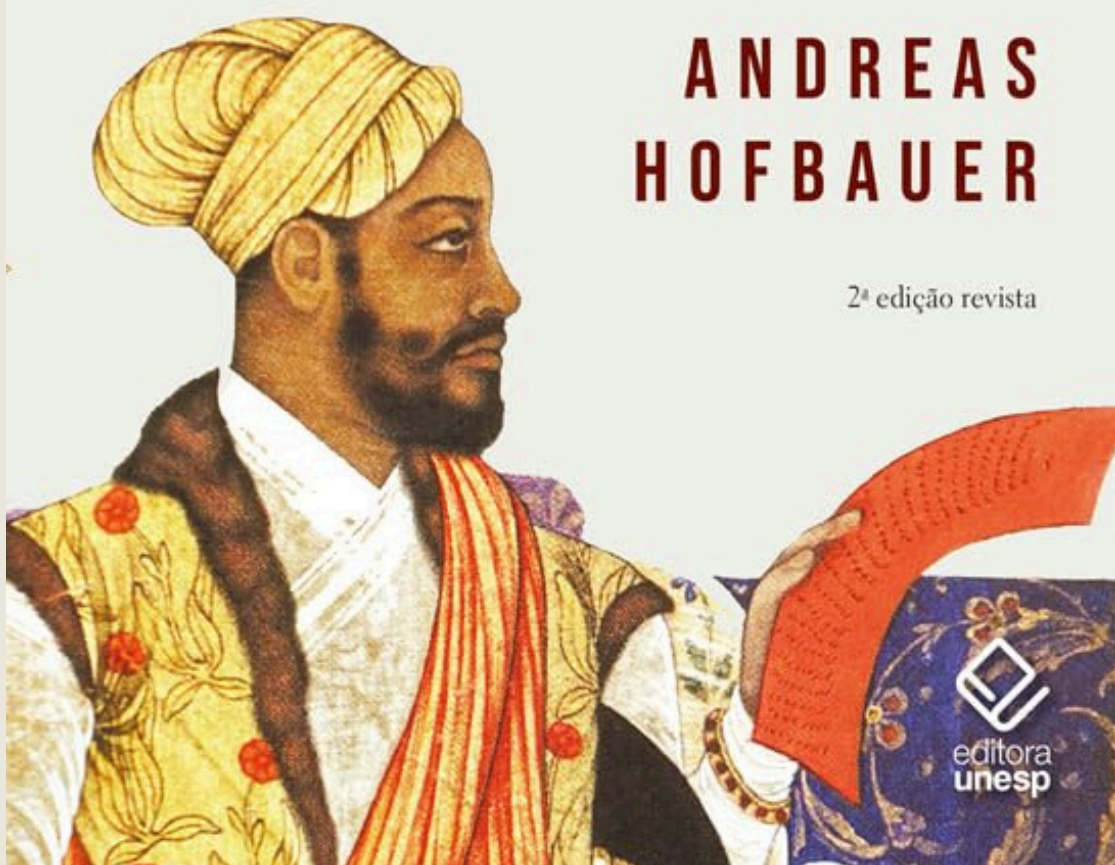


DIÁSPORA AFRICANA NA ÍNDIA

Sobre castas, raças e lutas

ANDREAS
HOFBAUER

2ª edição revista



No reino de Bengala da segunda metade do século XV, um número maior de **habshis** ocupou cargos altos na administração. Cerca de 8 mil soldados africanos faziam parte do exército do rei Barbak Shah. Mais de uma vez os escravos de elite africanos - entre os quais, alguns eunucos - envolveram-se em intrigas palacianas e tornaram-se governantes.

Andreas Hofbauer (2021, p. 34)
DIÁSPORA AFRICANA NA ÍNDIA.
Sobre castas, raças e lutas



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br

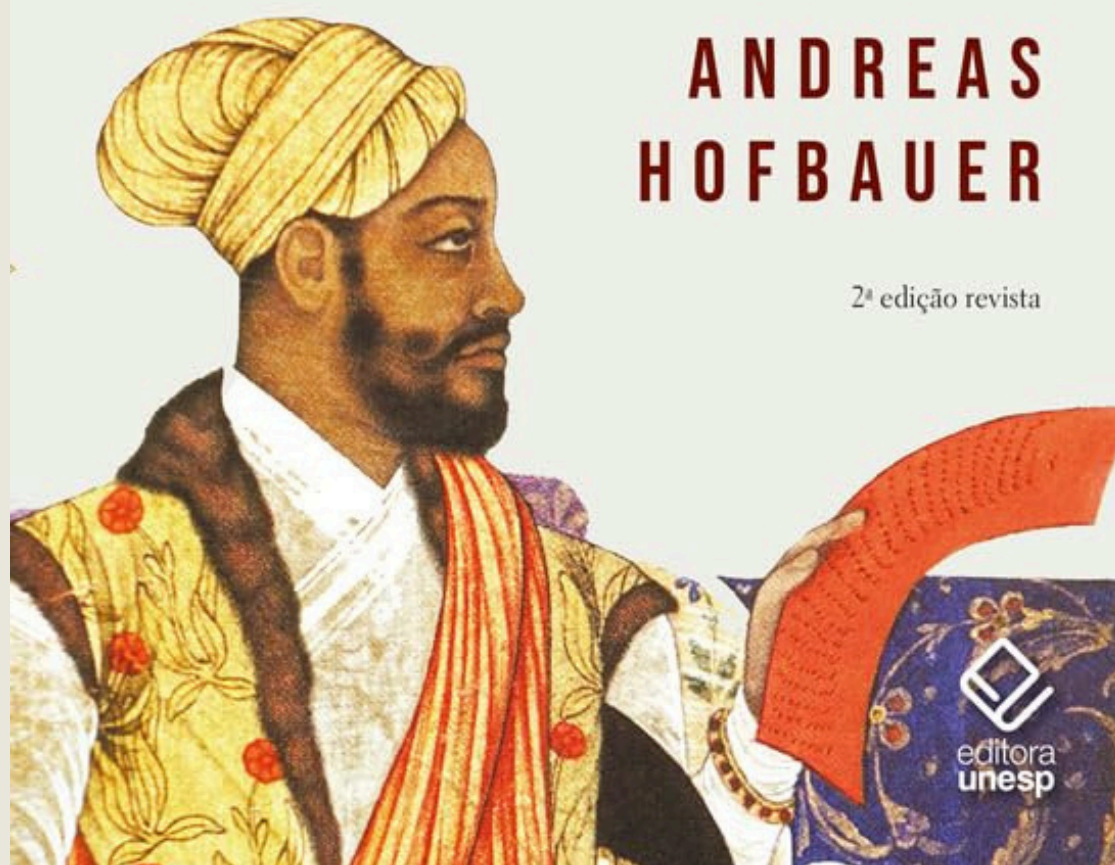


DIÁSPORA AFRICANA NA ÍNDIA

Sobre castas, raças e lutas

ANDREAS
HOFBAUER

2ª edição revista



Os *escravos de elite* atuavam, principalmente, no serviço administrativo e militar nos sultanatos e califados muçulmanos. Com a expansão islâmica para o Oriente, o emprego dos *escravos de elite* foi reproduzido nos territórios conquistados e incorporados ao Islã.

A escravidão na sociedade muçulmana, a história da conquista e do state-building muçulmano no sul da Ásia explicam a origem dos *habshis* em regiões da atual Índia.

Andreas Hofbauer (2021, p. 32-33)

DIÁSPORA AFRICANA NA ÍNDIA.

Sobre castas, raças e lutas



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





Ambar foi vendido algumas vezes até chegar em Bagdá, onde teria se convertido ao islamismo. Teria sido levado para a Índia por volta de 1570, quando foi vendido ao Grão-Vizir do Sultanato de Ahmadnagar. Ambar atuou como soldado e, depois, como mercenário. Chegou a comandar o exército de Nizam Shahi. Reconhecido por suas habilidades militares e administrativas, recebeu o título de Malik, sendo, mais tarde, regente de Ahmadnagar.



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





Malik Ambar nasceu na Etiópia em meados do século XVI. Como escravo, chegou num sultanato na Índia. O escravo tornou-se soldado e, depois, foi comandante do exército de Nizam Shahi. Em 1600, tornou-se regente do reino e governou Ahmadnagar até sua morte em 1626. Ao longo de sua vida militar, Malik Ambar obteve vitórias significativas contra o seu arquinimigo o imperador mogol Jahangir.



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





Jahangir Shooting the Head of Malik Ambar (c. 1620)





 Tomb of Malik Ambar, Khuldabad (India)



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br

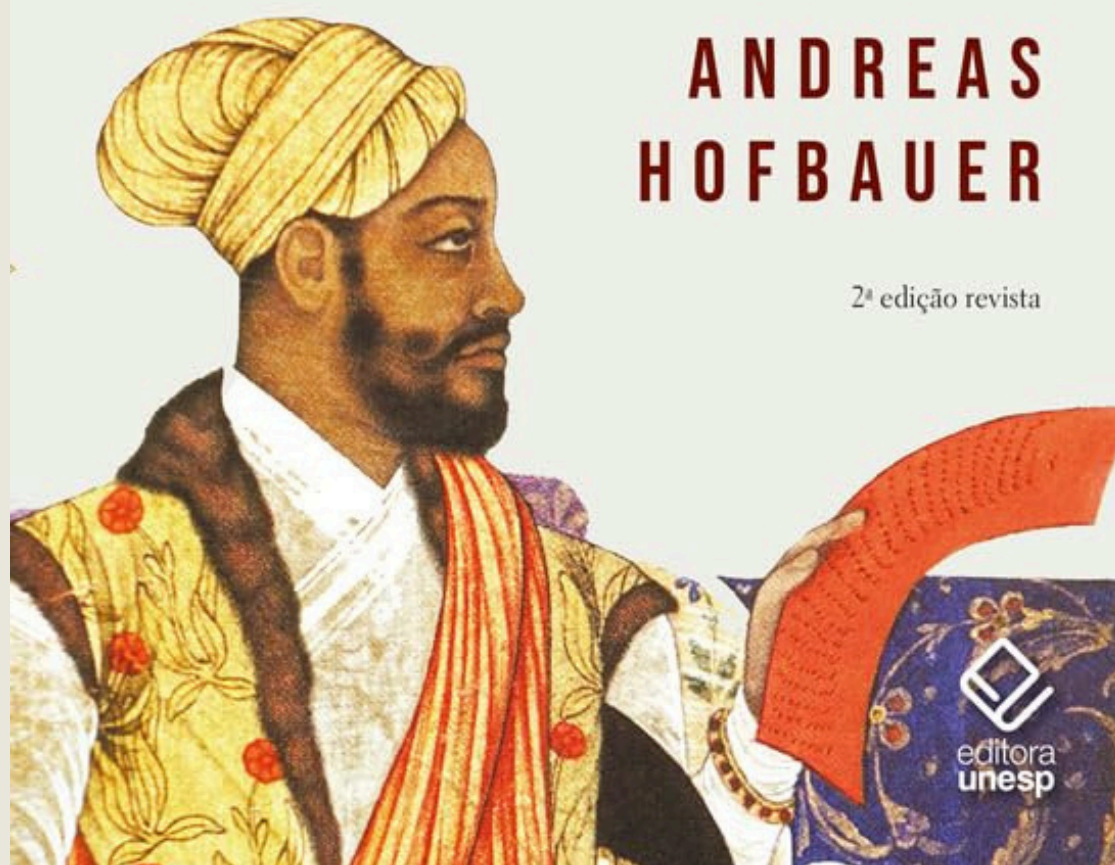


DIÁSPORA AFRICANA NA ÍNDIA

Sobre castas, raças e lutas

ANDREAS
HOFBAUER

2ª edição revista



Em primeiro lugar, sabemos que os africanos que foram traficados à Índia vieram de muitos lugares diferentes (de praticamente toda a extensão da África Oriental desde a atual Etiópia até Moçambique), sendo que possuíam tradições culturais, línguas e religiões, por vezes, bem distintas.

Andreas Hofbauer (2021, p. 50)

DIÁSPORA AFRICANA NA ÍNDIA.

Sobre castas, raças e lutas



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br

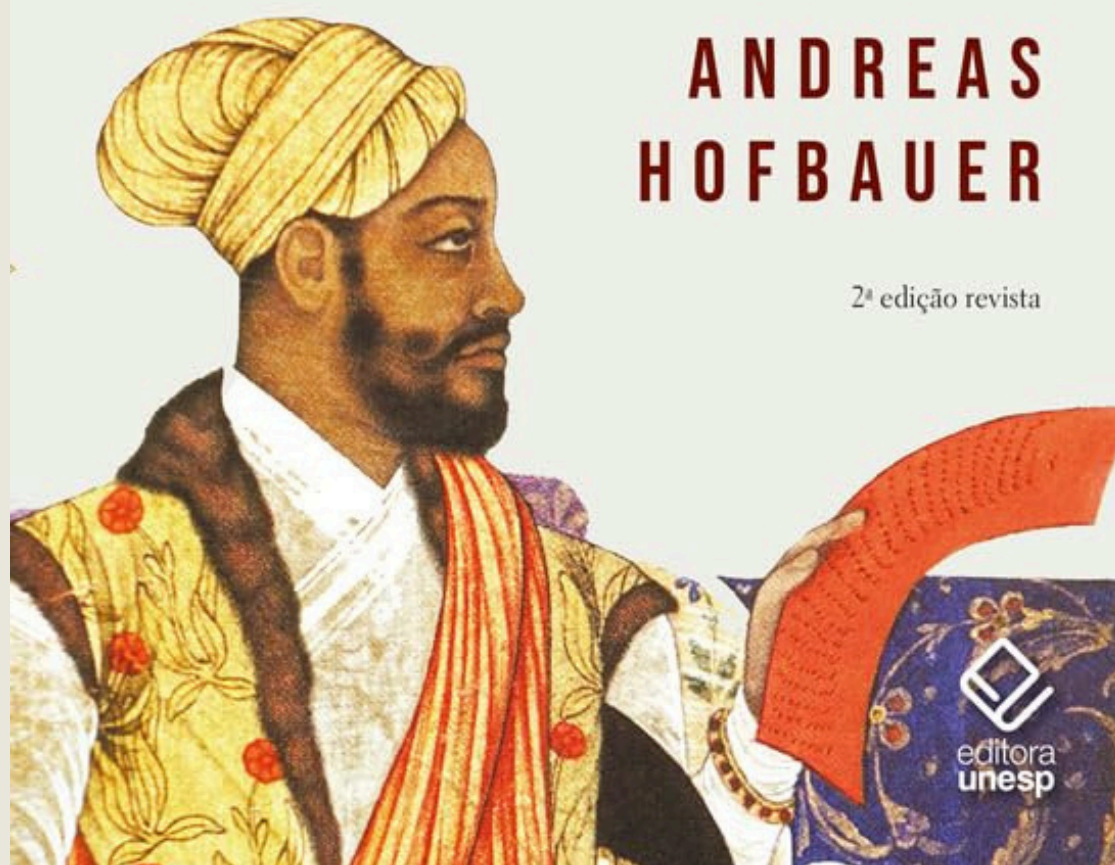


DIÁSPORA AFRICANA NA ÍNDIA

Sobre castas, raças e lutas

ANDREAS
HOFBAUER

2ª edição revista



A partir do século XVI, os portugueses trazem para as suas feitorias, entrepostos e mesmo para as cidades sob o seu domínio na Ásia, um novo contingente de africanos escravizados, notadamente de Moçambique.

A tomada de Goa em 1510 foi decisiva para os portugueses na Ásia. Alfonso Albuquerque ordenou o saque da cidade e a execução dos seus habitantes muçulmanos. Houve ainda a destruição de mesquitas e profanação de túmulos.

Andreas Hofbauer (2021, p. 65)
DIÁSPORA AFRICANA NA ÍNDIA.
Sobre castas, raças e lutas



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br

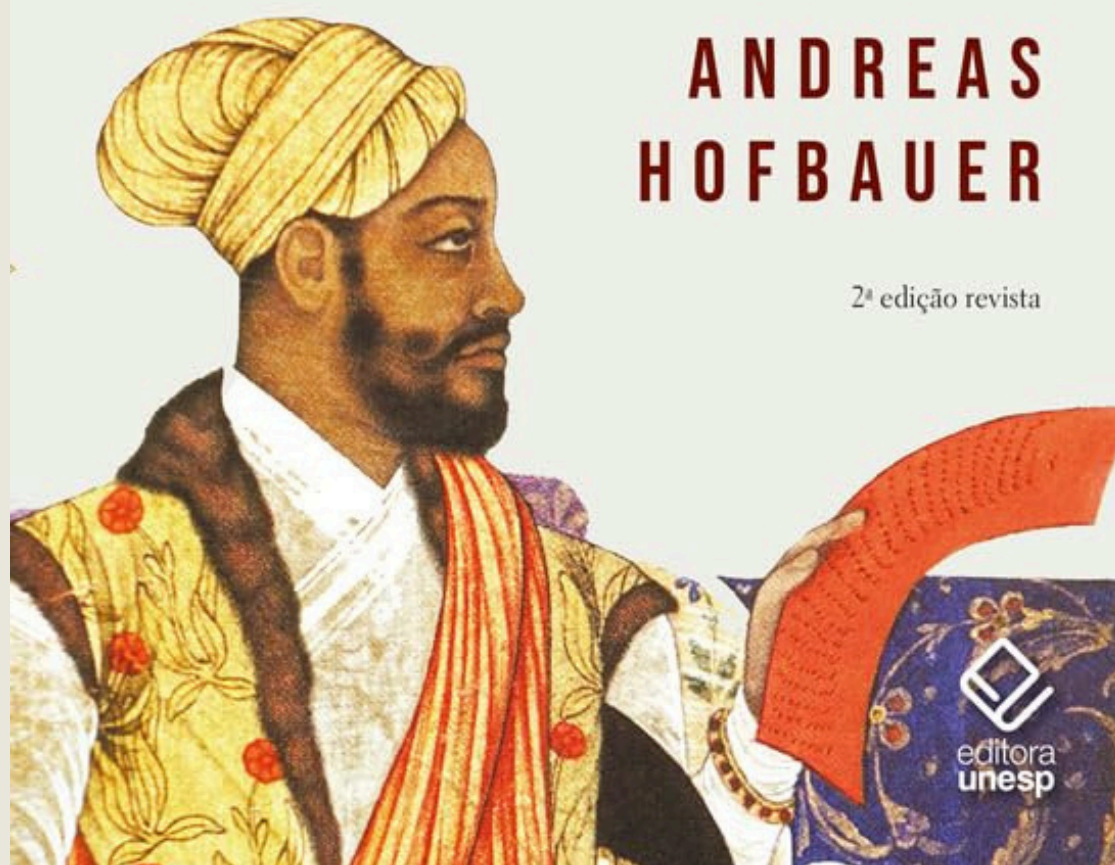


DIÁSPORA AFRICANA NA ÍNDIA

Sobre castas, raças e lutas

ANDREAS
HOFBAUER

2ª edição revista



Com a ocupação de Goa e a sua liberação do sultanato de Bijapur, a cidade se tornou o centro do então chamado Estado Português da Índia. Com a administração política e eclesiástica e o comércio do novo Estado português, aumentava anualmente o número de portugueses e, por conseguinte, de escravos.

O cristianismo católico, o islamismo e o "hinduismo" seguiram um processo de acomodação no sul da Ásia, bem como as suas instituições e hierarquias (escravidão, servidão, castas etc.).

Andreas Hofbauer (2021, p. 66)

DIÁSPORA AFRICANA NA ÍNDIA.

Sobre castas, raças e lutas



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





www.forumrarebooks.com



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br



faz cada dia pola menha na Rua direita na Cidade de Goa Feito Polo natural por Ioan de Linschoten framengo.



A. Misericordia

Porteiro
Wtroeper

Pingues
Arbeiders.

Ama
Voesfer

Sande. Paenbyder

Joannes a Doctechum fecit.

ta foro viden area pandat
ens tectis splendida dives opum?

Vt mercem hic properet gemmis auroque nitentem
Ille abducta procul vendere mancipia?

Congesta huc videas Ganges quę portat et Indus
Insule et Eoo. maxime in Oceano.
Hoogerb.

Fori Goensis tabernarum mercium et mer-
catorum illud frequentantium aperta ex-
plicatio per Linschoten.

Clare opdoeninge vande merck
met haer winckelen waren en daer
Coopluyden door I. H. V. L.

Ao longo de 4.000 anos, o Oceano Índico conheceu diversas formas de comércio de escravos. A ascensão do Islamismo e a expansão comercial ocasionaram um aumento na escala do comércio, assim como o crescimento das cidades portuárias e a necessidade de mão de obra barata. O aumento das economias de plantação nos séculos XVIII e XIX, em Maurício e Zanzibar, estimulou ainda mais o comércio, juntamente com o envolvimento Europeu a partir do século XVI. O comércio era multidirecional, com pessoas que se deslocavam dentro da África, da África ao Oriente Médio e, a partir do século XVIII em diante, para as ilhas, a Índia e as Américas. Os escravos indianos foram enviados, por navios, à Indonésia, às ilhas, à Cidade do Cabo e ao Oriente Médio, enquanto os indonésios foram transferidos para o Sudeste Asiático e a Cidade do Cabo; e os africanos foram transportados do litoral moçambicano para a Cidade do Cabo e as Ilhas do Oceano Índico.

Isabel Hofmeyr (2018, p.18)



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br





Cochini Rex elephante vectus, cum procerum comitatu,
quos Nairos vocant.

Die Coninck van Cochui op een elefant geseeten verselschapt
met sijn edelen diemen Nairos noemt.



*Inquilini e Cananor Mahometani infectiss.
Lusitanorum hostes
Die Mächometisten van Cananor en doot
vianden vande Portugesen*

*Incolæ Malabaræ maritimi inter Goam et Cochina
apud quos piper nascitur.
Inwoonders van Malabar tusschen Goa en Cochyn
aende Zeecant daer die peeper wast*

N. inschoten.

Mercador.

Baniane.

Bramene.



Habitus et facies Mercatorum Goensium Indorum,
qui mutandis mercibus valde industrij

Habyt en gedaente der Indiaensche Coopliuyden
welcke in hare handel seer cloeck zyn

Banjanes e Cambaja populus aestimandis gemmis,
scribendo, supputandoque valde exercitatus.

Banjanen van Cambajen int kennen van gestenten
schryven en rekenen zeer geoessent.

Bramenes Idolorum in India Sacerdotes.

Bramenes der Indiaenscher affgoden Papen
ofte Priesters.

Escravos, contratados e migrantes livres

A escravidão no Oceano Índico era mais complexa: a linha entre escravo e livre estava constantemente se deslocando e mudando. Como Campbell argumenta (2004), a maioria dos escravos no Oceano Índico geralmente não estavam localizados na estrutura de plantação, mas integrados nas famílias. Consequentemente, houve maiores possibilidades de mobilidade ou alforria.

A servidão por dívida ou a penhora de um membro da linhagem ou da família eram também estratégias típicas em tempos de catástrofes, tais como as secas e a fome.

A esperança, no entanto, era que essas situações não fossem permanentes. Os significados de liberdade e escravidão, então, são complexos e variados.

Isabel Hofmeyr (2018, p. 22)



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

História da África | HST 7202
Prof. Dr. Sílvio Marcus de Souza Correa
silvio.correa@ufsc.br







Em 1557, os portugueses conseguiram uma concessão chinesa para se instalar no porto de Macau. Logo depois, Macau era a base do comércio português nos Mares da China. Em 1571, consolidou-se a rota marítima entre Macau e Nagasáqui.



No século XVI, os portugueses acabaram por ser, durante várias décadas, os únicos intermediários no comércio entre Japão e China. Os comerciantes portugueses conseguiram o domínio de Macau em troca do apoio militar aos chineses para combater a pirataria nos Mares da China; por outro lado, os portugueses atuaram indiretamente para Oda Nobunaga unificar o Japão, inclusive participando da fundação de Nagasáqui.











Se as ilhas, as embocaduras dos rios, as enseadas e as baías da Contracosta compunham, havia séculos, a fronteira oeste da grande rede mercantil do Índico, a linha de litoral da África Atlântica passara a fazer parte de um novo sistema de comércio oceânico. Este tinha por núcleo a Europa Ocidental, compreendia o mar do Norte, o mar Mediterrâneo, os litorais atlânticos da África e das Américas, alongava-se às praias americanas do Pacífico e se ia infiltrando, no Índico, até o mar Vermelho e o golfo Pérsico, ao norte, e o Japão, a leste, a esforçar-se para romper, substituir e absorver - ou, quando menos, com ela coexistir - a antiquíssima e forte teia de interesses mercantis existente no oceano Índico e da qual os muçulmanos eram os diretores mais ativos.

Alberto da Costa e Silva (2002, p. 866)



O comércio entre Macau e Nagasáqui estava exclusivamente nas mãos de portugueses aventureiros. A partir de 1556 foi designado um capitão-mor para controlar a rota marítima entre Macau e Nagasáqui. Segundo o historiador Charles Boxer, as naus portuguesas podiam ter de 400 a 600 toneladas, mas no final do século XVI atingiam 1200 a 1600 toneladas.





Em 1580 a cidade de Nagasáqui foi doada por Ōmura à Companhia de Jesus, e durante o período de permanência portuguesa no Japão, a cidade de Nagasáqui cresceu e se transformou numa importante cidade comercial.







Os portugueses tiveram muitos empórios, feitorias e mesmo fortalezas na Ásia que favoreceram o seu comércio até o Japão e o Timor. Mas foi na Costa do Malabar que as suas posições deram materialidade ao então Estado português da Índia, sobretudo após a conquista de Goa, em 1510, sob o comando do almirante Afonso de Albuquerque. O massacre de milhares de muçulmanos em Goa foi um dos primeiros genocídios do recém-criado Estado Português da Índia.

No século XVI, os portugueses se imiscuem no comércio marítimo desde Goa, no mar da Árabia, até os mares da China.

Em 1519, Fernão de Magalhães iniciou a circunavegação com o apoio dos reis de Espanha. Após a sua morte em 1521, a viagem foi concluída por Juan Sebastián Elcano em 1522.